

## PAIXÃO E POESIA EM FANTASIA E AVESSO

Antônio Felisberto de Ataíde

"L'amour est la seule passion qui ne souffre  
ni passé ni avenir". (Balzac)

"O Lieb, o Liebe! so golden schön..."  
(Goethe)

FANTASIA E AVESSO é a última obra poética lançada pela escritora Arriete Vilela. O livro é constituído de dez textos curtos, verdadeiros poemas em prosa, que se caracterizam pelo jogo lúdico de palavras, verdadeira magia, predominando todo o universo imagístico da autora, acompanhado de um lirismo onde as expressões poéticas assumem a dimensão do ser manifestado na poesia.

Seu lirismo busca uma realidade, disfarçada no passado magoado, triste e carente para delinear um presente apaixonado, conduzido pela inspiração, retirada de dentro de seu próprio "eu" através de uma paixão afogada.

Arriete constrói seus textos através da força viva da palavra, um verdadeiro trabalho poético. Está sempre recriando a linguagem, ser vivo, que toma forças no silêncio de suas palavras. Arriete é radical, porque trabalha as raízes da linguagem. Com isso, o seu universo poético insere-se na linguagem do mundo, e ganha troncos, ramos, flores e frutos. A emoção contida em seus textos acaba por transpor todas as barreiras para enlaçar o objeto desejado: "A fantasia do coração, baú de magias poéticas". (p.14).

Os textos de Arriete identificam-se claramente com a visão de Otávio Paz, de que "o poema é a máscara que oculta o vazio". São invadidos por um lirismo que se manifesta como arte de solidão e vazio, e transcendem os

limites da linguagem, transformando-se numa espécie de canção, atitude de uma apaixonada que declara seu amor ao amado, expondo razões para isso: "Eu te quero prescindindo de uma realidade que passa a ser comum quando não tem avesso". (p.19).

Arriete parece falar de um passado não como objeto de narração que pertence à memória, mas como passado, tesouro de recordação. Por isso, seus textos são cheios de alma. Fluxo e refluxo de paixões desenfreadas, sua poesia se desnuda entre o seu "eu" e o seu "outro-eu".

Sendo esmagada ou esmagando a realidade, a lírica arrietiana é enunciada pelo sujeito-poeta. De tal maneira, identifica-se com o mar de Jacarecica que as qualidades desse são as daquela e a força da origem é a própria força da essência lírica. Dessa forma, os textos de Arriete são cheios de alma, curtos como uma canção, porque são duram o tempo em que está em total harmonia com a poeta.

A força do "eu-poético" invade exageradamente o coração, em busca do objeto desejado: "Abraça-me apenas, e com força, que a minha alma quer atravessar-te a pele". (p.53).

A poesia e a palavra têm, nos textos, o pensamento em ação, separam e reúnem o sujeito do seu objeto, o outro de um mesmo sujeito, num espaço temporal que se define como toda a anterioridade do sujeito atual. A forma dialógica é também monológica, já que o tu aparece, na verdade, como um eu dividido por uma barra temporal (antes/agora):

"Alguma coisa minha já se colou à tua vida, estampa no teu coração, figurinha no álbum. O instante agora é amplo e potente: crio um mundo, que é meu e teu, grântico e atravessado de eucaliptos". (p.13-4).

Arriête consegue mergulhar na vida e na linguagem ao mesmo tempo e transformá-las em poesia, porque o eu-poético vive a relação palavra x coisa. Ela sabe e sente o verdadeiro sentido do amor, procura uma explicação e busca, na palavra, o sentido da ausência/presença:

"... a palavra é um instante inabalável e eu flutuo num enorme vazio, desenraizada e leve". (p.53).

"A palavra me instiga a fantasia e faz dos meus avessos um fio de água fino que abre covas no bosque humano que é o coração". (p.54)

Por isso, seus textos não se esgotam, criam sempre modelos de sensibilidade: "A sensibilidade atenta apenas aos afetos do coração". (p.44).

O jogo com as imagens, cores, sons, cheiros e gostos incita o prazer, a busca do que agrada e a desalenta e rejeição do desagradável aos sentidos: "A tua carne rende a resina e eu gosto do teu cheiro secreto e inconfundível". (p.47).

O discurso de Arriête não é só matéria, é sentido, recolhendo em si o devaneio das coisas. Percebe-se que a escritora trabalha a imagem, trabalhando a palavra, característica de uma realidade estética, presentificada e portadora de uma mensagem viva de descoberta e paixão:

"Tu, amor, a força viva do prazer. Flor voraz, fruto silvestre. Paixão vadia como as tardes azuis, crua feito a tua carne". (p.65)

Com efeito, o eu-lírico quer exaltar a figura mitológica de Afrodite, a deusa símbolo do amor essencialmente físico, da alegria, das forças vitais, do ato sexual praticado apenas como satisfação do prazer carnal.

O mito de Vênus está presente em toda a cultura ocidental, especialmente na Literatura e nas Artes Plás-

ticas. Afrodite nasceu da espuma formada sobre o mar pelo derramamento do sêmen de Urano, o deus Céu, quando Saturno lhe cortou os testículos. Personificação da beleza do amor em seus inúmeros aspectos, foi venerada em várias regiões da Grécia e da Itália antiga.

Para Otávio Paz, "o poeta remonta a corrente da linguagem e bebe na fonte original". Há um jorro poético em Arriete, que vive nas camadas mais profundas do seu ser e se nutre da linguagem viva de seus mitos, sonhos, mitos, paixões e tendências mais secretas e poderosas. Assim sendo, ela consegue transformar paisagens, fantasias e sonhos em objetos poéticos: "mar cheio de pedras", "borboleta", "abelha", "cigana", "flor", "fera", "vôo desprezioso da gaivota", entre outras imagens que se fazem presentes em seus textos. O código imagístico em Arriete vem estruturá-las e poetizá-las, enamorando-se do espaço físico, dos objetos, das coisas.

O jogo referencial se dá a partir do momento em que, como significado da experiência de um objeto, que invade a alma da autora, surge relembado, reativado. Já não é uma simples noção evocada pelo significante, mas resultante de uma intenção voltada para as coisas, de uma aproximação concreta do mundo.

O sentido de penetração e de decifração da linguagem, enquanto substância e os sentidos indefinidos, que derivam, estão entre si, sem dúvida, numa relação de imagens que, segundo Otávio Paz, "é a ponte que liga o desejo entre o homem e a realidade". Percebe-se, claramente, um certo número de significações implícitas que vêm da experiência de mundo para a Autora.

Imbuída de uma experiência do vazio do mundo, Arriete consegue, através da força mágica da palavra, transpor para seus textos uma fantasia e um avesso capazes de

gerar momentos positivos e plenos: do núcleo do seu ser jorra toda uma profusão de imagens poéticas.

Percebe-se que o processo de criação de imagens se dá de uma forma bastante especial, constituindo momentos de verdadeira interiorização da poeta. Arriete demonstra, através de seu discurso imagístico, uma forma especial de retratar sentimentos, inquietação, que caracterizam o universo de suas lembranças, num arrebatamento de suspiros, de desejos e paixões. É nesse sentido que a teoria formalista, segundo Chklovski, vem ratificar o discurso imagístico da Autora: "a arte é pensar por imagens".

As imagens poéticas em Fantasia e avesso parecem emergir de uma idealidade vazia, o que constitui uma viagem com encantamento abafado.

Tentando identificar-se através dos sentidos, a poesia de Arriete opera, pela força das imagens, possibilidades diversas, retomando os aspectos mais significativos dos poetas simbolistas, especialmente Mallarmé, numa tentativa de evocar um objeto para satisfazer seu estado de espírito, sua fantasia, seus sonhos, suas paixões: "Sua fantasia goza da liberdade de mostrar todas as imagens". (FRIEDRICH, 1978, 28).

O fundamento da disposição imagística é colocado, sobretudo, na perda do real, transformado em poesia, cujas bases estão assentadas no imaginário, no vazio, na lembrança predominantemente aguçada, alimentada pela força da fantasia: "nota musical", "flocos de algodão", "incenso", "águas brancas", "bolero", "bolha de sabão", "sonhos de menina", elementos propulsores do vago, do sugestivo.

Arriete parece ter uma certa rejeição pelo real, uma vez que suas imagens são, em si mesmas, desrealizado

ras e sugestivas, pois insistentemente caminham para o mundo do sonho e da fantasia. O "mundo" e as "coisas", para a Autora, são causadores de sua paixão ampla e entrecortada pelas coisas e acontecimentos aparentemente insignificantes. Sobre a opacidade do real se superpõe a opacidade da linguagem.

Para Friedrich, "a magia poética é severa, é uma fusão da fantasia com o pensamento". Razão por que a proposta poética de Arriete propende para o vazio, para o imaginário:

"No silêncio entre o meu corpo e o teu, fixo a tua alma na eternidade da minha alma, porque quero que sejas sempre um surreal poema de trigo e luz..."(p.54-5).

Os textos são elaborados no fundamento da força subjetiva da palavra e acabam por retomar um espaço idealista e sugestivo, inserindo-se numa linha romântica e simbolista.

Refazem, então, as idéias vagas, nebulosas, subjetivas e transcendentais da poesia, que detêm a atenção do leitor mais por suas qualidades sensoriais e sinestésicas do que propriamente pelo seu significado, conforme se vê na poesia de Eugênio de Castro.

A violência do amor ("fúria dos sete mares", p. 47) evoca/sugere a profundidade do sentimento de onde provém o inaudito, que ela mesma desconhece. Uma forma de interiorização, onde aparecem fragmentos do mundo, mistura daquilo que é heterogêneo, daquilo que fascina, por meio da opacidade da magia da palavra, que lhe alheia o habitual, caracterizando os traços inerentes da poesia moderna.

Arriete inspira-se em coisas humildes e desconcertantes da vida, apresentando as peculiaridades do estilo moderno, cuja trajetória pode ser delineada a partir de

Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, culminando em Valéry, entre outros grandes nomes da lírica moderna contemporânea: Ezra Pound, Drummond e outros.

Hugo Friedrich aponta as duas polaridades da lírica moderna com suas características individualizadas:

- 1ª) uma lírica intelectualizada de grande rigor formal, iniciada por Mallarmé e formalizada por Valéry: "uma poesia deve ser uma festa do intelecto";
- 2ª) iniciada por Rimbaud e formalizada pelo surrealista André Breton: "uma poesia deve ser a derrocada do intelecto" (cf. op., p.143). Percebe-se que a poética de Arriête acusa mais as influências da 2ª polaridade.

A emoção e a capacidade de sentir, reforçadas pelo poder da percepção, adquirem forças através da linguagem, fantasiando-se e avessando-se dentro de um (re) fluxo de irreabilidade.

## BIBLIOGRAFIAS

- CHKLOVSKI, V. - A arte como procedimento. In: EIKHENBAUM, B et alli. Teoria da Literatura. Formalistas russos. Porto Alegre, Globo, 1971.
- COSTA, Arriête Vilela. Fantasia e avesso. Maceió, Secretaria de Cultura/SERGASA, 1986.
- FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- PAZ, Otávio. O arco e a lira. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- SAIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.